

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



VERSÕES GARRETTIANAS DE SAFO

No decurso de uma visita à Bayerische Staatsbibliothek (1), em Munique, tive a felicidade de encontrar uma fonte garrettiana que há muito procurava. Trata-se do original francês de dois poemas traduzidos de Safo, que Garrett publicou nas *Flores sem Fruto*, com os números ÍV e V.

A nota D, consagrada a ambos no final do livro, merece ser transcrita: «Na elegante colecçãozinha publicada nos fins do século passado em Paris, com o título *Oeuvres de Sapho*, vem-lhe atribuída esta espécie de epigrama, ou antes, apotegma poético. Daí o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara colecção de Líricos gregos de Fienrique Stéfano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me sucedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. 1) que tem por título *O Sacrifício*» (2).

O simples cotejo dos originais franceses no livrinho da Biblioteca de Munique, intitulado *Poésies de Sapho, suivies de différentes poésies dans le même genre. A Londres, M DCCLXXXf*, com os versos de Garrett não deixa dúvidas de que é esta a fonte (3).

(1) Agradeço aqui a prestimosa colaboração do bibliotecário Dr. Dietrich Briesemeister e a amável paciência da guia Fräulein Susanne Spielvogel. A visita foi realizada, em Agosto de 1965, a convite do Serviço 'Inter Naciones' da Alemanha Federal, por intermédio da Embaixada Alemã, em Lisboa.

(2) O texto de Garrett é o de Lello & irmão, Editores, Porto, 1963, com emendas; para os fragmentos de Safo, usei o livro de Edgar Lobel e Denys Page, *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, Oxford, ²1963.

(3) O livrinho consta de três partes: «Poésies de Sapho»; «Les tourterelles de Zelmis (poème)»; «Poésies Érotiques», estas com o nome do autor em nota: M. de Parny. Na edição (1781) da Biblioteca de Munique, a primeira parte ocupa 68 páginas. Numa outra edição (1810), mais vulgar no papel e na impressão, que encontrei posteriormente na Biblioteca Municipal do Porto, ocupa as primeiras 80 páginas.

Assim, «a elegante coleçãozinha» publicada em francês, mas em Londres (onde certamente não foi impressa), traz deste modo a primeira composição:

SUR LA VRAIE BEAUTÉ

Quand mon regard avide admire la beauté,
 Le plaisir est si court qu'il s'envole avec elle,
 Et mon œil est désenchanté:
 Mais la candeur & la bonté,
 Mais l'innocence est toujours belle.

E a versão de Garrett é:

BELEZA E BONDADE

(DE SAFO)

Quando ávida contemplo a formosura,
 Tão breve é meu prazer que foge co'ela;
 Mas bondade e lisura,
 Mas a inocência, oh! essa é sempre bela.

A poesia que Almeida Garrett datou de 182... nas *Flores sem Fruto* (publicadas em 1843) devia ter pertencido à série de digressões literárias saídas em *O Cronista*, se esta revista não tivesse ficado pelo vol. II (1827). O artigo que se destinava a tratar de Safo no tom despretenso de conversa-galanteio, que têm os anteriores capítulos do «Lyceu das Damas», encontra-se no Ms. 127 do Espólio Garrettiano, existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Aí pode ler-se a variante «candura» (cf. o francês «candeur»), no v. 3, em vez de «lisura» do texto impresso.

Os dados biográficos de Garrett sobre a poetisa de Lesbos estão hoje mais que desactualizados e não vale a pena perder tempo com eles. São os mesmos da «Vie de Sapho» com que abre o livro francês, sem lá faltar a paixão por Fáon a que no século xviii se dava muita importância (4).

(4) Tem-se escrito muito sobre a figura, mais lendária que real, deste Fáon. A questão foi primorosamente resumida pelo Prof. Doutor Manuel Fernández-

A pequena composição acabada de transcrever é assim introduzida: «Mas comquanto amava os prazeres, e folgava de desfolhar ate ao cáliz a rosa do deleite, Sapho adorava a virtude, e lhe dava culto, e homenagem, cantando-a em seus versos. Eis aqui uma passagem bem notável». Seguem-se os quatro versos mais tarde intitulados de «Beleza e Bondade».

Garrett, que não deve ter procurado a sério encontrar o texto grego numa edição da época, ignorava certamente que o fragmento usado pelo seu modelo francês provém duma citação da *Exortação*

-Galiano, *Safo*, Madrid, 1958, pp. 84 e segs., especialmente na nota 314; cf. também a nota 150 do mesmo livro.

A «Ode XVIII: A Phaon» (que Safo nunca escreveu), das *Poésies de Sapho*, foi aproveitada nos lamentos apaixonados da poetisa em «Safo no salto de Leucates», da *Lírica de João Mínimo* (III, viii). Em nota ao passo, (C) no final do volume, Garrett informa que essa parte «é versão de uns fragmentos de Safo que o tradutor, ou antes imitador francês ajuntou em uma só peça».

Dou o texto da primeira e última estâncias (são ao todo quinze) pela edição de 1810, em confronto com a versão de Garrett:

Quittez pour un moment le trône des plaisirs
Tendres sœurs de l'Amour, ô Graces ingénues!
De l'inconstant Phaon compagnes assidues,
Portez-lui mes derniers soupirs.

Deixai um pouco o trono dos prazeres,
Ternas irmãs de amor, Graças ingénuas!
De Fáon inconstante assíduas sócias,
Meus últimos suspiros,
Ao ingrato, levai-lhos.

Malheureuse! ah! reviens d'une erreur qui te flatte;
Au défaut du bonheur cherche au moins le repos;
C'est ici qu'il t'attend: le rocher de Leucate
Peut seul mettre un terme à tes maux.

Oh desgraçada! acorda desse engano.
Tudo perdeste... Fique-te o repouso:
Aqui o tens, as rochas de Leucates...
Elas... e nada mais!
Terminarão teus males.

à *Ciência* do médico Galeno, e consta apenas de duas linhas. Destas, só a segunda não tem sido objecto de variadas correcções:

Fr. 50: ὁ μὲν γὰρ κάλος δσσον ἰδὴν πέλεται <κάλος>,
 ο δ ε καγαθός αντικα και κάλος εσσεται.

Aquele que é belo, é belo só de aspecto, mas o que é bom será logo be lo também.

Foi sobre estes magros elementos que, imaginosamente, o poeta francês construiu o seu poemeto. O fragmento grego, segundo Fernández-Galiano, «se referiria a lo efimero de la belleza frente a la virtud» (5), mas também pode pensar-se que «es más bien polémico y constituye una especie de *apología de la fealdad*» (6), porquanto a tradição se refere de preferência aos encantos espirituais de Safo, mais notáveis — segundo fontes antigas — do que os seus dotes físicos.

O adjectivo «avide» que Garrett emotivamente salienta, referindo-o à poetisa, nem sequer existe no texto grego. E o mesmo acontece aos versos segundo e terceiro do epigrama francês, que são pura fantasia. O tradutor português valoriza a sua quadra, eliminando o verso terceiro (*Et mon cœur est désenchanté*), de uma banalidade aflitiva.

Também o poemeto que Garrett intitulou de «O Sacrifício» seria uma fina versão de Safo, se a poetisa alguma vez tivesse escrito o original. O seu verdadeiro autor é Edme-Louis Billardon de Sauvigny, como pode ver-se no «Aditamento» ao presente artigo.

A fonte remota são dois fragmentos provenientes do *Banquete dos Sofistas* de Ateneu, e conhecidos, portanto, no século xviii:

Fr. 81 (b): σὺ δὲ στεφάνοις, ὦ Δίκα, πέρθεσθ⁵ ἐράτοις φόβαισιν
 δρπακας ἀνήτω σνναέρραισ⁵ ἀπάλαισι γέρσιν'
 εὐάνθεα πέλεται καὶ Χάριτες μάκαιραι
 μάλλον προτερψ¹¹λ, ἀστεφανώτοισι ὀ'ἀπυστρέφονται.

Circunda, ó Dica, de amáveis coroas as tranças, entrelaça com mãos delicadas os renovos de endro; fé quef são coisas perfumadas e as Graças felizes de preferência tas contemplamf, mas se afastam de quem não traz grinaldas.

(5) Safo, nota 270, p. 73.

(6) Safo, nota 191, p. 53.

Fr. 94, 15-16: *καί πολλαῖς νπαθὸ μίδας
πλέκταις ἀμφ ἀπάλαι δέραί*

E muitas grinaldas perfumadas em torno do gentil pescoço.

Este último figura hoje em composição mais extensa, obtida de um pergaminho do sexto século (*P. Berol. 9722*), publicado em 1902 e reeditado em 1938 por G. Zuntz (7).

A tradução de Garrett vem das *Poésies de Sapho*:

ODE VII

Elle engage At his à se couronner de fleurs, à l'exemple des victimes prêtes à être sacrifiées. Elle la loue aussi sur sa beauté (*).

Délices de mon cœur, charme de mes regards,
Athis! viens couronner de ces roses naissantes
Ce front si gracieux, et les tresses mouvantes
De tes cheveux dorés, négligemment épars.

Quelle aimable pudeur t'anime!
Cueille de tes doigts délicats
La douce violette et le tendre lilas.

Tu sais que la jeune victime,
Le front paré de fleurs, en est plus chère aux dieux.
Nous aurons pour autel ces discrètes fougères,
Où mon bonheur va m'élever aux cieux.

Enlace autour de toi ces guirlandes légères;
Penche-toi sur mon sein, tourne vers moi les yeux:

Que ta rougeur me plaît! que ces lèvres sont belles!
Ce teint charmant ne cède point aux fleurs.
Va, malgré tout l'éclat de leurs vives couleurs,
Il est encor plus brillant qu'elles.

(*) On a cru devoir lier les deux fragmens dont cette ode est composée. On s'est astreint à suivre l'original autant qu'il le falloît pour faire connoître le goût grec & la manière de Sapho.

Do escasso e fragmentário material poético que atrás vimos, o glosador francês construiu livremente a sua Ode VII. Garrett, em

(7) Denys Page, *Sappho and Alcaeus*, Oxford, 2 1959, p. 76.

busca de título expressivo para a versão portuguesa, guardou da explicação prévia que antecede a peça somente a ideia de «sacrifício», fazendo-se eco, sem o saber, de uma conjectura corrente no século xviii, segundo a qual *ενάνθηα* «floridos (as)» concordava com um hipotético *ίερεΐα* (8) «vítimas», introduzido no texto, com base em Ateneu. Na verdade, o autor dos *Δείπνοσοψίσται*, depois de citar Safo, informava que a poetisa *παραγγέλλει στεφανονσθαι τούς θύοντας* «recomenda que os sacrificantes se adornem de coroas».

Almeida Garrett, como ele próprio confessa, não encontrou o texto grego para o seu poema

O SACRIFÍCIO

(DE SAFO)

Vem, Atis, coroar de infantas rosas
 Essa frente engraçada, — e as tranças móveis
 De teus áureos cabelos, *deixa-as soltas*
 Pelo colo de neve.

Oh! que amável pudor te anima e cora! 5
 Vem, colhe com teus dedos melindrosos
 Frescas boninas, doces violetas
 De suavíssimo aroma;

Que a vítima de flores coroada
 Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos 10
 Estas *selvas* sisudas por altares,
 Onde a minha ventura

Me há-de elevar aos numes soberanos.
 Enlaça em torno a mim essas grinaldas,
 Reclina-te em meu seio, *os olhos belos* 15
 Para os meus olhos volte...

Que linda coras! que formosos lábios!
 Essa polida tez não cede às flores:
 Não, que a viveza da sua cor brilhante
 O esplendor não te ofusca. 20

Ms. 127: 5 desparzidos; 11 relvas; 15 e os lindos olhos.

(8) Cf. Jo. Christiani Wolfii, *Saphus... Fragmenta et Elogia*. Hamburgi, MDCCXXXIII, fr. lxiii.

Em Safo não há poesia alguma conhecida que pudese ter servido de modelo directo, no título ou no conteúdo, a «O Sacrificio» de Garrett, embora uma linha desgarrada, de poucas palavras, contenha a sugestão daquele «Reclina-te em meu seio», versão de «Penche-toi sur mon sein» (9). Para além dos fragmentos citados atrás, e deste último agora mencionado, tudo mais é imaginação do autor francês, sublinhada eroticamente pelo nosso poeta.

A quarta estância é particularmente exemplificativa da maneira como Garrett acentua e objectiva a sensualidade latente do texto francês, desde o adorno de rosas ao significado do olhar. Intencionalmente, substitui «autour de toi» por «em torno a mim», quando a posição era bem clara, logo a partir do título, onde se diz expressamente: «Elle (Sapho) engage Athis à se couronner de fleurs...».

Esta situação, em que Safo contempla a amiga que se adorna, é também a do fragmento 94 (Lobel-Page) que mostra algumas vagas semelhanças com o poemeto francês, embora no século xvm só fossem conhecidos os dois versos acima traduzidos para português. Todavia, não há lá qualquer menção de «sacrificio».

Entretanto, uma vez mais, a versão de Garrett supera o modelo, quer excluindo, quer modificando, como pode ver-se pela comparação das estâncias de abertura e fecho da composição.

Na primeira quadra, o nosso poeta evita a linha inicial e com ela a trivialidade de exclamações amorosas demasiado óbvias e correntes. Abrindo com a exortação a Átis, que irrompe com o impetuoso «Vem», Garrett consegue uma alacridade que o modelo francês não possui.

A adjectivação é também mais significativa. Basta notar aquelas «infantes rosas» para verter «naissantes roses», em que o epíteto iguala as futuras audácias semânticas de Ricardo Reis. Não foi em vão que Pessoa leu e admirou Garrett. Na quadra do fecho, «polida tez» contém um qualificativo de maior sugestão pictural do que em «teint charmant».

E o final, assaz prosaico, da composição, melhorou bastante em Garrett, se não em substância poética, ao menos em vigor de concisão retórica. Na versão portuguesa, o modesto poemeto ganha modernidade e cor (10).

(9) Fr. 126: *δαύοις ἀπάλας ἐτάοας ἐν στήθεσιν.*

(10) Garrett pôs ainda em verso um trecho em prosa das «Poésies Érotiques» ae que dou aqui o começo, no texto da edição de 1810, juntamente com a primeira

Quanto à métrica, lê-se no Ms. 127: «Inventou (Sapho) uma medida de versos que tomou o seu nome e ainda hoje o conserva; mas entre os modernos não sei que esse metro fosse usado nas línguas vivas, senão em Portuguez e Italiano, mas decerto melhor que ninguém pelo nosso Ferreira nos lindíssimos choros de Castro» (11).

E na verdade, em «O Sacrificio», há a intenção de imitar a estrofe sáfica, conhecida quer das odes mais longas, já divulgadas desde as primeiras edições renascentistas, como *Εις Ἐψροδίτῃ* ou a famosa *Φαίνεται μοι κηνος Ἴσος θεοισιν* (12), quer das odes horacianas à maneira

estância da imitação garrettiana, intitulada «A Cor da Rosa» na *Lírica de João Mínimo* (I, xix):

«LES ROSES. Autrefois les roses étaient blanches et sans odeur: l'Amour volant un jour trop bas, toucha un buisson de roses, et une épine lui égratigna le pied: quelques gouttes de sang sortirent de sa blessure, et tombant sur les feuilles d'une rose, la teignirent du plus bel incarnat: toutes les roses reçurent la même couleur pour rappeler à jamais que la tige d'un rosier avait blessé l'Amour. (...)».

A COR DA ROSA

Alvejava de neve out rora a rosa,
 Nem como agora, doce recendia;
 Baixo voava Amor sem tento um dia,
 E na rama espinhosa
 De sua flor virgínea se feria.
 Do sangue divinal gota amorosa
 Da ligeira ferida lhe corria,
 E as flores da roseira onde caía
 Tomavam do encarnado a cor lustrosa.
 Agora formosa
 A rúbida flor
 Recorda de Amor
 A chaga ditosa.

(11) Imitações da estrofe sáfica, sobretudo através de Horácio, existem em outras línguas, além do português e do italiano. Para o francês e o inglês, ver Carol Maddison, *Apollo and the Nine. A History of the Ode*, Baltimore, 1960, pp. 283 e 291, respectivamente. A estrofe sáfica existe em alemão e em espanhol e provavelmente em outras línguas também.

(12) No Ms. 127, Garrett deixou um intervalo em branco para esta ode que, segundo aí diz, se propunha traduzir do original. Entretanto ficou no Ms. a versão

de Safo. Estas últimas deviam ser familiares a Garrett, desde a primeira adolescência.

Assim, à estrofe greco-latina de três hendecassílabos sáficos, concluída por um adónico (de cinco sílabas), Garrett faz corresponder uma estrofe de três versos de dez sílabas (na realidade, onze), concluída por um verso de seis sílabas que toma a posição do adónico.

Todavia, a organização estrófica do poemeto garrettiano também não significa contacto directo com o original grego, pois, no primeiro fragmento, a poetisa de Lesbos usou versos de dezasseis sílabas (reizi-ano cataléctico + coriambo + aristofânico) e no segundo temos dois versos de oito sílabas (glicónicos).

Na realidade, vertendo do francês, Almeida Garrett vasou num molde rítmico à imitação de algumas das odes de Safo um texto que

portuguesa da tradução em verso de Boileau, naturalmente a apresentada pelas *Poésies de Sapho* que também contém uma tradução em prosa. Eis a versão de Garrett, através de Boileau, com a grafia do Ms. 127:

Feliz quem juncto ati por ti suspira,
 Que gosa do prazer de ouvir fallar-te
 E docemente ve sur rir-te ás vezes.
 Igualar-lhe em ventura os deuses podem?
 — Sinto chamma subtil de veia em veia
 Mal te vejo correr-me o corpo todo
 E nos doces transportes da minha alma,
 Nem voz, nem lingua sei achar, que a exprimão.
 Nuvem confusa me ennoitece os olhos;
 Não oiço, em doce languidez descaio,
 Sem côr, sem respirar, quasi sem vida,
 Tremendo em convulsões anceo, e morro.

Os próprios comentários a esta peça poética, que Garrett viria certamente a melhorar, se a tivesse publicado, são traduzidos do livrinho francês que, por seu turno, os tira do *Tratado do Sublime* de Longino, fonte da ode de Safo.

Em *Poésies de Sapho* a ode aparece dedicada «A une Amie». Talvez, por isso, o nosso poeta a não enderece claramente a Fáon, como fizera António Ribeiro dos Santos (cf. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, tomo XIII, 2.^a série, 2, p. 109), mas enquadra-a na versão romanesca dos amores de Safo e Fáon, que conta à Lília do «Lyceu das Damas».

Se tivessem chegado até nós todas as versões garrettianas de Catulo (cf. «Garrett tradutor de Catulo» in *Colóquio*, n.º 27, Lisboa, 1964, pp. 38-41), talvez lá se encontrasse indirectamente representada, no carme 51 de Catulo, de novo esta ode de Safo.

tomou por tradução da poetisa grega (13). E procedendo, tanto à semelhança da sua fonte, como segundo sua própria inclinação, deu-nos uma imagem daquilo que talvez considerasse «le goût grec et la manière de Sapho».

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

ADITAMENTO

Durante a revisão de provas deste artigo, desloquei-me aos Estados Unidos da América, no mês de Abril de 1966, em missão oficial. Como um dos lugares, onde me detive, fosse a Universidade de Harvard, procurei na respectiva biblioteca as *Poésies de Sapho*. Encontrei dois exemplares, ambos de Amsterdão, 1777, anteriores, portanto, aos que vira em Munique (Londres, 1781) e no Porto (Londres, 1810).

Ainda, graças às referências bibliográficas contidas em verbetes da Harvard University Library, fiquei também a saber que os livros foram todos impressos em Paris, mas ficticiamente apresentados como oriundos de Amsterdão e Londres, para escaparem à censura que, mais de uma vez, puniu o livreiro Herbert Martin Cazin (1724-1795), pelas edições escabrosas que punha em circulação.

Da bibliografia que consultei, quer na Harvard University Library, quer na New York Public Library, a obra mais informativa

(13) Embora com algumas desconfianças de que o não fosse, como pode ver-se na anotação final da *Lírica de João Mínimo*, citada em (4).

E, de facto, quem poderia acreditar na seriedade das traduções francesas, ao ler as notas das *Poésies de Sapho*? Eis duas para amostra, além da que fica atrás impressa com a Ode VII, tiradas da edição de 1810: «Ce songe est composé de neuf ou dix fragmens; on a été obligé de suppléer à ce qui manquait dans l'original [...]» (p. 19); «J'ai cru devoir changer les noms propres toutes les fois qu'ils ne m'ont pas paru assez harmonieux. [...]» (p. 32).

foi *Cazin par un Cazinophile*, Châlons-sur-Marne, 21876, que atribui a autoria das *Poésies de Sapho* a Edme Billardon de Sauvigny e informa que o livrinho aparece já no catálogo de Cazin, em 1777.

Foi ainda pelos verbetes da Biblioteca de Harvard, que vim a saber a identidade do «Cazinophile», i.e., Charles Antoine Brissart-Binet, livreiro de Reims, cidade onde Cazin começara também a sua carreira, e que a edição de 1876, por mim consultada, era a reprodução feita por J. Martin, em 150 exemplares, da edição original de Brissart-Binet, aparecida em 1863.

Quanto a diferenças entre os quatro exemplares que conheço das *Poésies de Sapho*, notei que nos dois de Harvard (Amsterdão, 1778) a gravura inicial, com o retrato fantasioso de Safo, trazia por baixo as seguintes indicações de autoria: «N. de Launay s. 1778 C. Marillier del.». Note-se a discordância entre a data da gravura (1778) e a da portada (1777). A gravura, aliás, pode ter sido acrescentada posteriormente, visto que, embora anteceda a portada, está numa folha independente, que não conta para a paginação.

Deve notar-se que nas edições existentes, tanto na Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, como na Biblioteca Municipal do Porto, ambas dadas como impressas em Londres, respectivamente em 1781 e 1810, a gravura não traz autoria. A razão deste facto pode estar na circunstância já notada em *Cazin par un Cazinophile*, de que o retrato é o mesmo, «mais reproduit dans le sens opposé».

Também o mesmo livro observa, em relação aos exemplares de Londres, 1781, que «on a joint à cette édition quatre pièces qui ne se trouvent pas dans la précédente». Essas peças, acrescentarei, são em prosa, e uma delas, «Les Roses», foi vertida para verso português em «A Cor da Rosa» (cf. nota 10), de Garrett, que teria assim utilizado, possivelmente, a edição de 1781.

Outras diferenças que pude observar são a de que a primeira parte (cf. a nota 3), na edição de 1777, ocupa 78 páginas, e de que há nela maior abundância de acentos (*chère, discrètes, légères, lèvres, cède*) na ode VII, atrás citada, do que na edição de 1781, cujo texto usei na reprodução da referida poesia.

A. C. R.